



## A imprensa escolar na formação de professores ruralistas: usos e significados de uma experiência

The school newspaper in the training of agricultural teachers: Uses and meanings of an experience

Isabel Maria Sabino de Farias  
beiasabino@terra.com.br

Antonio Germano Magalhães Junior  
germanomjr@yahoo.com.br

---

**Resumo:** Este artigo aborda a imprensa escolar na formação docente, mais precisamente, na preparação dos primeiros professores ruralistas do Brasil. Tem como objetivo compreender a destinação pedagógica e a contribuição no processo de formação docente do jornal *O Lavrador*, publicação da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte (CE), instituição pioneira na formação de professores nessa perspectiva. A reflexão procura evidenciar que a imprensa escolar, como estratégia formativa, é reveladora de formação alicerçada na ideologia pedagógica do escolanovismo, particularmente preocupada com a modernização do ensino pela inovação de seus métodos.

**Palavras-chaves:** ruralismo pedagógico, imprensa escolar, formação de professores ruralistas.

**Abstract:** This article discusses the school press in the training of teachers, more precisely in the training of the first rural teachers in Brazil. It tries to understand the pedagogical destination and the contribution to the process of teacher training of the newspaper, "O Lavrador", published by the Rural Teacher Training School of Juazeiro do Norte, state of Ceará, which was a pioneering institution for the training of agricultural teachers. The reflection tries to show that the school press as a training strategy reveals a training based on the pedagogical ideology of the so-called "new school," which was particularly concerned with the modernization of teaching through the innovation of its methods.

**Key words:** pedagogy for agricultural training, school press, training of agricultural teachers.

---

### Introdução

*Procurando descrever o "Lavrador", compreendi o valor deste, significativo trissilabo. [...] Constitui, para nós alunas [...] uma fonte de progresso intelectual, pois é o transmissor de nossas idéias e pensamentos. Nêle falamos da grandeza de nossa Escola [...] É ainda, o nosso jornalzinho que fala do grande amor que votamos ao*

*ruralismo e que leva para outros estabelecimentos de ensino, o progresso da nossa Escola, mostrando a vantagem que ela oferece sobre as demais (O Lavrador, 1943, n.º. 67).*

Quem nunca folheou um jornal escolar? Seu emprego na formação docente representa uma das múltiplas faces desse veículo no trabalho educativo formal. Embora a presença des-

se tipo de impresso não seja novidade no cotidiano escolar, a discussão sobre seu uso no campo da historiografia educacional brasileira ainda carece de exploração sistemática. Compreender a destinação pedagógica do Jornal *O Lavrador*, da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, no Ceará, bem como sua contribuição no processo formativo de profes-

sores ruralistas nessa instituição, constituem o objetivo deste ensaio<sup>1</sup>.

A Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, localizada na região sul<sup>2</sup> do Estado, é reconhecida na historiografia educacional como pioneira na formação de professores para o meio rural no Brasil (Sud Mennucci, 1944; Lourenço Filho, 2001). A imprensa escolar, como estratégia formativa, é vista como indício do caráter renovador da proposta de formação desse estabelecimento entre 1934 e 1946. A demarcação temporal representa os primeiros anos de funcionamento da escola, inaugurada em 1934; o ano de 1946 é o limite, momento da edição da Lei Orgânica do Ensino Normal, com mudanças na matriz curricular.

A compreensão do lugar e significado do Jornal *O Lavrador*, na constituição de uma cultura profissional dos primeiros professores ruralistas do Brasil, requer uma contextualização dos anseios “renovadores” que animaram o surgimento desse estabelecimento de ensino, na década de 1930. A análise pressupõe que as instituições de formação ocupam lugar central na produção e reprodução do corpo de saberes e do sistema de normas da profissão. Como lembra Nóvoa (1992), estes espaços de socialização (as escolas normais) tiveram um papel para além do plano individual (formação de professores), contribuindo sobretudo no plano coletivo (produção da própria profissão docente mediante o desenvolvimento de uma cultura profissional).

## Ruralismo pedagógico e renovação metodológica no cotidiano escolar

A proposta de uma escola de formação de professores para o meio rural nasce consorciada com os ideais da “ruralização do ensino”, pensamento propagado na primeira metade do século XX, por pensadores sociais como Sílvio Romero, Alberto Torres, o sanitarista Belizário Pena e Sud Mennucci (Lourenço Filho, 2001). Faz-se, no início da década de 1930, forte debate sobre o assunto no cenário nacional. É possível perceber isso no pronunciamento de Joaquim Moreira de Sousa<sup>3</sup>, em 1931, no IV Congresso Nacional de Educação, ao lembrar que naquele momento se consolidam as idéias dos “pioneiros do ruralismo pedagógico”, os quais defendem:

Uma escola rural típica, acomodada aos interesses e necessidades da região a que fosse destinada [...] “que impregnasse o espírito do brasileiro, antes mesmo de lhe dar a técnica do trabalho racional no amanhã dos campos, de alto e profundo sentido ruralista, capaz de nortear a ação para a conquista da terra dadivosa e de seus tesouros, com a convicção de encontrar o enriquecimento próprio e do grupo social de que faz parte” (isto em oposição à “escola literária” que desenraizava o homem do campo) (*in* Therrien e Damasceno, 1993, p. 18).

O “Ruralismo Pedagógico”<sup>4</sup>, na década de 1930, estava em consonância com as propostas nacionalistas do governo getulista (Ribeiro, 1991; Romanelli, 1983). Os discursos de valorização do desenvolvimento do meio rural eram impregnados de termos e expressões como *vocação histórica*, por exemplo. Havia a intencionalidade de empreender uma política de valorização do crescimento e desenvolvimento das práticas econômicas no meio rural, associadas à necessidade de redução do fluxo migratório que começava a causar problemas no meio urbano.

A preocupação com o êxodo rural encontra ressonância especial no Ceará que, historicamente, tem enfrentado problemas de secas<sup>5</sup> que assolam o Estado. A seca é incorporada à imagem<sup>6</sup> do Ceará (Neves, 2004), com predomínio ainda nos dias atuais. Nos períodos de seca mais intensa, a região do Cariri tornou-se refúgio de retirantes, por ser espaço menos afetado. Os efeitos das estiagens produzem conflitos sociais, sobretudo pelo acúmulo de flagelados que buscavam condições mínimas de sobrevivência.

Nas secas<sup>7</sup>, na década de 1930, as ações do governo local se voltavam para a “solução hidráulica” e a “fixação do homem no campo”. Com a construção de obras que asseguravam trabalho (mesmo provisório) aos retirantes, o Poder Público enfrenta as consequências da seca e busca modelos de higienização, disciplina

<sup>1</sup> O trabalho é resultado de estudo mais amplo apoiado pelo CNPq, mais precisamente da pesquisa integrada “Profissão Professor: políticas e memórias”. A iniciativa investigou a construção da profissão docente no Ceará no período de 1930 a 1964 a partir de três ângulos: o discurso governamental; as idéias e práticas de educadores locais; a contribuição da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte na produção de uma cultura profissional docente.

<sup>2</sup> Trata da região do Cariri, espaço geográfico caracterizado pela conurbação de três cidades: Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, confluência popularmente conhecida como CRAJUBAR.

<sup>3</sup> No período de criação da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte Joaquim Moreira de Sousa era o Diretor Geral da Instrução Pública.

<sup>4</sup> O Movimento Ruralista da década de 1930 não apresenta um pensamento homogêneo. A corrente conhecida como “ruralismo pedagógico” defende uma educação voltada para a formação de um indivíduo com a consciência nacionalista e cívica, para a valorização do trabalho do homem do campo como elemento fundamental para o progresso do País (Calazans, 1993). Os defensores de uma Educação de base, por sua vez, reclamavam mudanças mais amplas, de caráter político e social, como alterações no regime agrário, na distribuição de crédito para os lavradores e implantação de novas técnicas de produção.

<sup>5</sup> O Ceará encontra-se inserido no espaço geográfico integrante do chamado “Polígono das Secas”. Esta área territorial, conforme delimitação estabelecida pela Lei Federal nº 1.348/195, abrange uma extensa região de quase 1.000.000 km<sup>2</sup>, englobando oito dos nove estados da região nordeste do Brasil, além do norte de Minas Gerais, na região sudeste (Ferreira e Dantas, 2001).

<sup>6</sup> A seca de 1877-1879 marca a formulação desta imagem no território cearense.

<sup>7</sup> No período em análise, 1930/1946, ocorreram duas secas com forte impacto social: 1932 e 1942.

e urbanidade, tidos como referência de civilidade (Ferreira e Dantas, 2001).

O debate sobre a educação rural se desenrola associado ao trato da seca e fome, ganhando adeptos da idéia de criação de escola preparatória de professores ruralistas. A Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte se constituiu nas tramas cotidianas, marcadas pelos conflitos entre latifúndios, pelas políticas públicas de “combate à seca”, pelas relações de apadrinhamento do modelo oligárquico e pelas práticas religiosas marcantes da região do Cariri. Deixa-o entrever D<sup>a</sup>. Amália Xavier<sup>8</sup>, ao situar o cenário em que foi criada a instituição. A transcrição, embora longa, é indispensável, por ser reveladora da trama de relações e de interesses nesse processo:

A redenção estava perto: Carneiro de Mendonça na Interventoria do Ceará; Moreira de Sousa, na direção do ensino; Lourenço Filho na direção do Instituto de Educação no Rio; Anízio Teixeira na direção do ensino no Rio; Gustavo Capanema no Ministério de Educação; Leoni Kasefi, coordenando cursos de aperfeiçoamento no Instituto de Educação [...] Moreira de Sousa, enviando 10 professoras para o curso de aperfeiçoamento; Sud Menucci, em São Paulo, estudando as bases dos métodos de ensino pregados por Alberto Torres. Conclusão desse movimento renovador: a educação que convém ao Brasil é a educação rural [...] isto é, escola que ensine ao homem do campo a “viver no campo, do campo, pelo campo e para o campo” [...] A escola precisa ensinar a viver. O homem para viver não precisa somente aprender a ler, escrever e contar [...] Enfim é a escola de acordo com a região a que deve servir. Esta era a escola sonhada por Moreira de Sousa

para o Ceará, realizada por Plácido Castelo no Juazeiro (Oliveira, 1984, p. 17-18).

O discurso de Amália Xavier destaca que a “Escola precisa ensinar a viver”. Os trabalhadores rurais não sabiam viver como deviam? O que se pode entender por verdadeiramente viver? Viver, no discurso de Amália Xavier, expressa uma forma particular de comportamento, de trabalhar, de relacionar-se com o meio e utilizar tecnologias apropriadas para convivência produtiva. Com efeito, os discursos das personagens, dos primeiros anos da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, evidenciam o caráter redentor, heróico e missionário na instalação do estabelecimento de ensino, originado do desiderato: educar o homem do campo, numa verdadeira ação cruzadista. É o que também se pode perceber pela justificativa do interventor federal do Estado, Capitão Roberto Carneiro de Mendonça:

Considerando que urge a **dar ao ensino público no Estado uma orientação prática** que vise criar e desenvolver aptidões nos indivíduos para enriquecimento próprio e da coletividade; considerando que, numa região, como o Ceará, cuja **economia se baseia nas atividades agrícolas**, é de todo ponto **necessário ensinar a todos a melhor maneira de cultivar o solo**; considerando que, **para a criação e desenvolvimento de uma mentalidade agrícola no espírito do povo em geral, é preciso preparar nesse sentido o professorado conveniente** (Decreto n.º 1.218, em 10 de janeiro de 1934, grifos nossos).

A ênfase na “experiência” e no “aprender-fazendo”, como princípios

pedagógicos norteadores da formação de docentes ruralistas, está nos grifos da transcrição. Destaque-se que esses pressupostos estão alicerçados no ideário pedagógico da Escola Nova, predominante no cenário educacional brasileiro e cearense, os quais apontam para a modernização do ensino, mediante inovação dos métodos.

Os defensores da Escola Nova criticam o ensino tradicional, intelectualista e livresco, apontando a necessidade de processos pedagógicos ativos (Lourenço Filho, 1961, 2001) ou, como refere Luzuriaga (1980, p. 227), um “sentido vivo e ativo”. A preocupação com a renovação pedagógica motivou os representantes à criação dos chamados “métodos ativos” que, a princípio, enfatizaram o “caráter individual do trabalho escolar”<sup>9</sup>, assumindo, posteriormente, perspectiva mais coletiva e social<sup>10</sup> (Luzuriaga, 1980, p. 238). Dentre as técnicas de trabalho coletivo encontra-se a imprensa no contexto escolar.

Tais orientações, pelo menos no discurso, nortearam o delineamento da proposta de formação dos professores da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, conforme dispositivos do Regulamento da instituição no que se refere ao ensino e à metodologia.

## O jornal escolar e a proposta de formação de professores ruralistas

Aprovado pelo Decreto n.º 1.269, em 17 de maio de 1934, o Regulamento da Escola Normal Rural estabelece, no Art, 3º, que o “ensino terá feição essencialmente prática e utilitá-

<sup>8</sup> Esta educadora é uma das fundadoras da Escola Normal Rural de Juazeiro. Nascida no dia 05 de abril de 1904, fez o Curso Normal no Colégio das Irmãs Dorotéias, em Fortaleza. Também cursou especialização no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, em 1933, além de Música e Canto Orfeônico. Assumiu a direção da Escola Normal Rural em 02 de fevereiro de 1936, função que exerceu mesmo depois da extinção do Curso Normal Rural (em 08/12/1973).

<sup>9</sup> O Método de Montessori e o Plano Dalton são exemplos dos métodos ativos de caráter individual.

<sup>10</sup> Inscrevem-se nessa perspectiva o Método Decroly e o Método de Projetos, de Kilpatrick.

ria”. No Art. 1º, a determinação visa a garantir a consecução dos fins a que se destina: na preparação de professores para tornar aptas “as novas gerações nas fainas agrícolas” (alínea a); na “influência civilizadora” que deve ter o professor “sobre toda a comunidade do lugar” (alínea b); na ação conscientizadora acerca “do valor da previdência e da economia” (alínea c); a despertar nos educandos a “consciência do valor de sua classe” (alínea d).

O tom “renovador” do documento evidencia os laços com os preceitos subjacentes ao Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932). A indicação de que devem “ser adotados os métodos ativos, em que o aluno aprenda a fazer fazendo” (Decreto nº. 1.269, em 17 de maio de 1934. Capítulo III, Art. 20) é outro elemento que mostra o alinhamento da organização do ensino destinado à formação dos primeiros professores ruralistas do Brasil às idéias escolanovistas.

A explicitação do enfoque metodológico é detalhada em diversas passagens do Regulamento. É o que se observa nas determinações acerca dos “labores escolares”, em que se destaca a necessidade de “predominar os temas dos interesses e ocupações dominantes na região” (Decreto nº. 1.269, em 17 de maio de 1934. Art. 21). Também é prescrito, em algumas atividades, que os professores devem incentivar nos alunos: a consulta à biblioteca, a realização de pesquisas em laboratórios, visitas a museus e trabalhos no campo de cultura (Decreto nº. 1.269, em 17 de maio de 1934. Art. 22). Ao tratar das aulas de Metodologia (Decreto nº. 1.269, em 17 de maio de 1934. Art. 23), disciplina de como ensinar, define ainda que “essas aulas [...] se pro-

cessarão de acordo com as modernas técnicas de ensino (centros de interesse, projetos, tarefas, etc.)”.

A imprensa escolar é recomendada expressa na seção que trata das “instituições escolares”<sup>11</sup> (Decreto nº. 1.269, em 17 de maio de 1934. Capítulo XI, Art. 76), definidas como “instituições auxiliares da educação”, com o objetivo de “desenvolver e aperfeiçoar o aprendizado” discen-te, assim como despertar “nestes, além do interesse pelas atividades do campo, o sentido social da colaboração, e estender a toda a comunidade da região o seu raio de ação educativa” (Decreto nº. 1.269, em 17 de maio de 1934. Art. 75). A organização da imprensa escolar é detalhada mais adiante:

A imprensa escolar, que se exercerá por meio de jornal ou revista feitos pelos alunos, **tem por fim desenvolver as aptidões literárias dos mesmos, e serve de elemento de intercâmbio social**, por meio da permuta e colaboração, entre instituições congêneres do país e estrangeiro (Decreto nº. 1.269, em 17 de maio de 1934. Art. 84).

§ único – O jornal ou revista escolar deve ser **veículo de idéias e sentimento adquiridos no aprendizado especial do estabelecimento**, contribuindo para tornar **a escola um agente de transformações** úteis e não apenas um aparelho de adaptação a condições necessárias já existentes (grifos nossos).

As transcrições mostram os pressupostos que motivaram a inclusão da imprensa escolar como ferramenta pedagógica na formação de professores ruralistas: propiciar ensino em que o aluno aprende fazendo, voltado para o campo, *locus* da atuação futura dos professores; recur-

so e meio de aprendizagem em consonância com a visão de homem postulada pelo projeto socioeducacional que levou à criação da Escola Normal Rural no Ceará. Tornar prático e utilitário o ensino e o aprendizado é, certamente, a destinação pedagógica do periódico *O Lavrador* (Farias *et al.*, 2007).

Como “animador” da causa ruralista, o impresso dissemina as idéias do movimento e o *modus operandi*, a partir de então, da formação de professores para o meio rural. O que acontecia na primeira escola de formação de professores ruralistas precisava ultrapassar as paredes, alçar vôos rumo à comunidade local e nacional. Era preciso fazer-se conhecer; dizer dos progressos, dos saberes sistematizados, da faina cotidiana que, pouco a pouco, vai materializando o ideal dos que defendem a bandeira do ruralismo pedagógico.

*O Lavrador* é a manifestação objetiva da relação direta entre a criação da Escola e o movimento do Ruralismo Pedagógico, como precisamente assinala Moreira de Sousa, na época, Diretor da Instrução Pública do Estado, em registro no livro de visita da escola, por ocasião do lançamento do 1º número do impresso. A explicação sobre a adoção do nome do periódico, assim como o detalhamento acerca da coleta e da análise dos exemplares examinados e que deram suporte às reflexões ora apresentadas estão organizados a seguir.

### ***O Lavrador* – o estudo do cotidiano com base em um documento escolar**

“Coisas rotineiras, o dia-a-dia, o mesmo de sempre”, são expressões que remetem ao cotidiano, ao lugar das coisas que se repetem no enfren-

<sup>11</sup> São identificadas ainda no Regulamento as seguintes instituições basilares da Escola Normal Rural: a biblioteca, o museu, o clube agrícola, a caixa escolar, o círculo de pais e professores, o clube de cultura física, o orfeão, a cooperativa e o pelotão de saúde.

tamento diário do exercício de viver. Historiar o cotidiano é problematizar as coisas do dia-a-dia. Não é história menor, em comparação ao que se pode intitular de grandes acontecimentos históricos (Guimarães, 2002). A problematização do cotidiano possibilita interpretação de ações humanas como trama, não necessariamente separando os que recebem o título de herói dos que, nesta perspectiva, exercem o papel dos comuns, escolhendo e descrevendo os acontecimentos fundamentais daqueles que somente servem para ilustrar a cena.

Interpretar a história como trama é exercitar a reconstituição do ontem sabendo que as ações humanas podem ser representadas como teia tridimensional em que, ao esgarçar qualquer ponto, o restante é afetado, modelando o que é problematizador, à busca de melhor compreensão, passa a relatar como história. Como alerta Veyne (1998, p. 120), uma trama é composta de fatos em que tudo é explicável, mas desigualmente provável.

As escrituras do *O Lavrador* constituem-se de narrações que não apresentam problemática associada às questões sociais ou políticas, não estabelecem relações, não reconstituem ações vividas na perspectiva de trama. Os textos se caracterizam pela descrição dos fatos e detalhamento de aspectos do cotidiano, fundamentais à compreensão das relações entre a escola e os fatos do dia-a-dia. Os registros, tomados como fonte de pesquisa, sobretudo na in-

vestigação interessada nas “coisas do cotidiano” escolar, exigem do pesquisador o papel de devoto de Clío<sup>12</sup>, isto é, que assume atitude atenta, inquisitiva e problematizadora. Nessa perspectiva, posicionam-se as análises sistematizadas sobre o lugar desse impresso no processo formativo de professores para o meio rural.

O primeiro número circulou no dia seguinte ao ato inaugural que oficializou<sup>13</sup> a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, mais precisamente em 14 de junho de 1934. O conteúdo do *O Lavrador* está constituído dos principais acontecimentos da escola e de assuntos ligados à vida do homem do campo, em coerência com o título e o símbolo que o identificavam. A matéria “Justificando o nosso título”, de autoria de José Sebastião da Paixão<sup>14</sup>, aluno do 1º. Ano Complementar, esclarece:

O desenho do cabeçalho da nossa folha simboliza um trabalhador rural carpindo a terra. Estampa-se a dúvida em sua fisionomia. Intimamente duas alternativas lhe dominam o espírito: Vê, ante si, o arado do progresso, a terra rasgada, a agricultura moderna mecanizada, econômica e fácil, e luta contra a rotina ancestral, contra os métodos traçados pelos seus avós (*O Lavrador*, 1934, nº 01, p. 1).

A matéria diz, ainda, que a imagem descrita foi idealizada por Leni Fernandes, aluna do 1º. Ano Complementar da Escola, talhada em madeira por João Pereira, xilógrafo da

terra. O lavrador é apresentado, no editorial, como “a classe mais desprovida dentre as várias classes produtoras” do país, identificado como “batalhador anônimo e desinteressado pela grandeza da Pátria” (*O Lavrador*, 1934, nº. 1, p. 1). Os argumentos reforçam o discurso sobre a necessidade de fixar o homem no campo e educá-lo, condição precípua para a independência econômica do Brasil.

Produzido por alunos da própria Escola, *O Lavrador* servia a duplo propósito: de um lado, veículo de transmissão de assuntos do cotidiano das “coisas do meio rural”, fomentando o espírito nacionalista no espaço agrícola; de outro, estratégia ativa de formação profissional de professores para atuar no campo. Reformavam-se, com efeito, mentalidades (dos professorandos e da comunidade circunvizinha) e métodos de ensino, inovando, sobretudo, na preparação de profissionais do magistério primário rural.

É o que se percebe nos 112 exemplares localizados do *O Lavrador*, distribuídos de maneira irregular, entre as décadas de 1930 e 1970. Para o estudo do período 1934-1946, identificaram-se 69 exemplares desse impresso. Os temas permitem compor um mapa dos conhecimentos constitutivos do perfil profissional do professor preparado pela Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte. São saberes da lida agrícola (próprios da área da Agronomia), estudados pelos professorandos para aplicação a crian-

<sup>12</sup> Na mitologia grega, Clío era a musa da História, uma das nove filhas de Mnemósine (a Memória).

<sup>13</sup> As atividades da Escola Normal Rural de Juazeiro iniciaram logo depois do deferimento do pedido de encampação (26/02/1934) deste estabelecimento pelo Instituto Educacional de Juazeiro, sociedade privada constituída (13/12/1933) especialmente para este fim. Sua instalação ocorreu, mais precisamente, em 13 de março de 1934 e foi marcada pela realização do Exame de Admissão, aplicado em um salão do Orfanato Jesus, Maria e José (cedido pelas Irmãs de Santa Tereza). Nesse local começou, efetivamente, a funcionar a Escola com 21 alunos (sendo 18 do 1º e três do 2º ano Complementar), mais quatro “classes primárias”. O Curso Normal iniciaria no ano seguinte, na data de 15 de fevereiro (Oliveira, 1984, p. 24). Todavia, somente com a publicação do Decreto nº. 1.278, em 11 de junho de 1934, que considera “oficial a Escola Normal Rural, mantida, parcialmente, pelo Instituto Educacional, de Juazeiro”, ocorre a inauguração desse estabelecimento de ensino. Acredita-se que o primeiro exemplar do jornal *O Lavrador* é produzido nesse interstício.

<sup>14</sup> *O Lavrador*, publicado em 27 de julho de 1934, possui uma pequena correspondência de Raul de Paula, Secretário da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, que, elogiando a iniciativa da publicação, realiza um convite ao seu redator chefe, José Sebastião da Paixão, para que o jornal pudesse fazer parte da “2ª Exposição da Imprensa Escolar”, realizada em Belo Horizonte naquele ano.

ças e adultos ligados à vida campestre (saber de cunho curricular); informações da atividade profissional docente (noções sobre escola, professor e contribuições da Psicologia para a educação); e as práticas pedagógicas do processo de formação dos profissionais.

Para melhor visualização dos assuntos do *O Lavrador*, procedeu-se ao levantamento das matérias principais de cada exemplar, assim agrupadas: discursos, referências a pessoas ilustres, reflexões sobre a prática educativa, eventos, textos sobre a atividade agrícola, a Escola Normal Rural e registro de práticas pedagógicas.

Os discursos, de um modo geral, referem-se a solenidades de colação de grau ou destacam aniversários de pessoas importantes, a exemplo de D<sup>a</sup>. Amália Xavier, diretora da Escola Normal Rural de Juazeiro, referência nos textos sobre a Instituição. Estes ressaltam a data da instalação (13 de junho), as armas e o papel social para Juazeiro do Norte. Chama atenção à exaltação de personagens “ilustres”, por ocuparem cargo econômico ou público de evidência social, ou por terem assumido posição de destaque na criação da escola. É o caso de Padre Cícero, D<sup>a</sup>. Amália, Plácido Castelo, Sud Mennucci, Alberto Torres, entre outros. Um dos artigos publicados pelo jornal *O Lavrador* contém essa assertiva:

Mas, como em tudo há uma perna forte, uma **cabeça orientadora** para enfrentar as dificuldades da situação, aqui também, em nossa Escola, temos D. Amália Xavier de Oliveira, **esteio forte do saber e do querer** que, fonte erguida, **marcha sem ver, sem ouvir e sem ligar aquilo que lhe não convém**. Sua **abnegação** é completa – auxiliando a uns, aconse-

lhando a outros. Mesmo quando **castiga**, mostra o amor que seu coração reto e puro consagra aos alunos (*O Lavrador*, 1938, nº 29, p. 1, grifos nossos).

Nos textos sobre a atividade agrícola, sobressaem questões de cultivo de tomate, mandioca, cana-de-açúcar, milho, bem como de crédito agrícola e apicultura. São envidados esforços para desenvolver “uma mentalidade agrícola no espírito do povo”, atuando a escola como “um veículo de idéias e sentimento”. Os eventos são a objetivação da missão do estabelecimento como “agente de transformações úteis”, mediante a publicação de idéias, valores, práticas e produtos produzidos no espaço educativo. Assim, é interpretada a Semana Ruralista (merece nota a terceira edição, em 1948, de abrangência nacional), os concursos (do milho, da mandioca), as comemorações de datas cívicas e relacionadas ao campo (os dias da Pátria e da Árvore<sup>15</sup>), a distribuição de sementes pelo Clube Agrícola, no período de plantio, e as exposições de materiais dos alunos.

No *O Lavrador* encontram-se, ainda, pistas importantes do arcabouço ideológico subjacente à formação dos docentes no meio rural e as formas de saber-fazer constituídas. O depoimento de Elias Rodrigues Sobral, egresso da escola e, posteriormente, professor da instituição, é expressiva:

[...] O ENSINO RURAL tem como lema ensinar o homem a extrair do sólo o meio de sua subsistência, pelo trabalho racional do campo e ainda **evitar o êxodo dos campos adaptando o homem, a viver higienicamente**, sentindo conforto indispen-

sável a sua vida rural, combatendo as terríveis consequências do urbanismo, calamidade esta que vem sendo sentida na balança econômica do mundo... O ENSINO RURAL muito tem feito neste sentido e mais ainda precisa fazer emprestando o valioso concurso de sua ação, da realização palpável de ruralizar o BRASIL [...] (*O Lavrador*, 1943, nº. 72, p. 1, grifos nossos).

O discurso salvacionista também é emblemático no trecho da palestra proferida pela aluna Zeneida Saraiwa, representando o Curso Normal, por ocasião da sessão em homenagem ao dia do professor.

[...] Sublime é a missão do mestre! Educar! Dar aos espíritos não só o refrigerio do saber em oposição do caustificante calor da ignorância, mas ainda formá-los física e moralmente, procurando destruir os princípios errôneos, que os espíritos baixos destilariam em suas mentes ainda não fortificadas pelos princípios. São de uma plena religião. **São os mestres soldados de Cristo**, pois, muitas vezes, não hesitam em abandonar os seus, para ensinar as criancinhas inexperientes o sol da vida, “a instrução” (*O Lavrador*, 1943, nº. 72, p. 6).

A visão salvacionista do professor e do seu trabalho é evidente. Os mestres são apresentados como verdadeiros soldados que devem lutar pela educação para todos, mesmo que isso exija abnegação e renúncia. O discurso associa o magistério ao sacerdócio em um desiderato cruzadista. Indicações como essa podem ser observadas nas diversas reflexões registradas no *O Lavrador* sobre a prática educativa, tais como as matérias: “Cooperativismo escolar” (1943, nº. 70); “O Ensino Rural e seu raio de ação” (1943, nº. 72); “Papel

<sup>15</sup> O Dia da Árvore era lembrado não só em um dia, mas durante uma semana, com a realização de várias atividades, conforme deixa entrever a passagem: “Semana da Árvore – Como sempre, foi a semana da árvore festejada em nossa Escola com grande entusiasmo por parte do corpo docente e discente – No dia 21 houve o encerramento da mesma com um brilhante desfile” (*O Lavrador*, 1941, nº. 57, p. 3).

do mestre na manutenção da disciplina” (1941, n.º. 50); “A escola e o Mestre” (1942, n.º. 59), são representativas de orientações que norteiam a prática educativa da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, nos primeiros anos de funcionamento.

*O Lavrador*, como definiu precisamente Moreira de Sousa (1955, p. 229), “é como sentinela a vigiar e a guiar os labores da Escola, estimulando iniciativas e aplaudindo realizações, encarnando o *esprit du corps*, que dá vida à instituição e afeta-lhe, em todos os sentidos, a ação construtiva”. Assim, ao mesmo tempo em que faz o registro documental do cotidiano da escola, constitui manifestação objetiva das práticas pedagógicas que marcam a formação docente ali vivenciada.

### A contribuição do jornal escolar na formação de docentes ruralistas

*O Lavrador*, fonte de *flashes* do cotidiano da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, assume lugar privilegiado nos modos de fazer, nas práticas pedagógicas elaboradas na preparação de professores para o campo. Entende-se que essa escola apresenta práticas pedagógicas inovadoras, posicionamento que requer, a princípio, explicitação acerca do significado dessa noção.

A idéia de prática escolar faz referência às “vivências, experiências e ocorrências escolares – intencionais ou não” (Peres, 2005, p. 120), compreendidas como práticas socioculturais, com apoio nos seguintes pressupostos:

[...] as práticas escolares são práticas socioculturais porque: primeiro, são produzidas pelos atores educativos – administradores, orientadores, professores, alunos; segundo, são produtoras de outras práticas e de outros discursos e são produzidas também com

a influência de outras práticas sociais e culturais, ou seja, as práticas escolares são construídas no interior da escola e da sala de aula, mas mantêm uma relação direta com o mundo exterior.

A compreensão das práticas pedagógicas escolares situa-se na perspectiva da reprodução e produção social e cultural (Bernstein, 1996), reconhecendo-as como dispositivos singularmente humanos que reproduzem cultura e como produtoras de representações, sensibilidades, cognições, racionalidades, normalizações. Nesse sentido, apontamos as práticas escolares como estratégias de sociabilidade e de aprendizagem na escola.

A formação dos primeiros professores ruralistas apresentava currículo composto por Curso Intermediário (visava à preparação dos educandos para a admissão nesta instituição de formação docente) e Curso Normal Rural (habilitava os professores ruralistas). A admissão, nos três anos de estudos pedagógicos, era antecedida de dois anos do curso intermediário, com um currículo de 2.420 horas, distribuídas semanalmente com as seguintes disciplinas:

Curso Básico – Primeiro ano: Português, Aritmética, Geografia, História do Brasil, Francês, Atividades Rurais com três aulas semanais cada; Música e Religião com uma aula semanal cada. Segundo ano: Português, Aritmética, Botânica, Atividades Rurais, Francês, Pré-Orientação com 3 aulas semanais cada, Trabalhos Manuais, Música e Educação Física com 2 aulas semanais cada e Religião com uma aula semanal.

Curso Normal Rural – Primeiro Ano: Português, Matemática com 3 aulas semanais cada, Geografia, História do Brasil, Atividades Rurais, Desenho, Música e Educação Física com 2 aulas semanais cada, Religião com uma aula semanal. Segundo Ano: Português, Matemática, História Geral, Antropogeografia, Atividades Rurais,

História Natural, Psicologia com 3 aulas semanais cada, Desenho, Música e Educação Física com 2 aulas semanais cada, Religião com uma aula semanal. Terceiro Ano: Educação Sanitária, Educação Econômica, Psicologia Educacional, Agricultura, Atividades Rurais, Desenho e Educação Física com 3 aulas semanais cada, Música com 2 aulas semanais cada e Religião com uma aula semanal (Souza, 1994, p. 34-35).

A ação educativa da escola era organizada nos turnos manhã e tarde; no segundo turno, eram dadas ações práticas, isto é, para cada aula teórica, no período da manhã, eram vivenciadas “aulas práticas no campo, nas pequenas indústrias, em cursos de Desenho, Corte e Costura e Arte Culinária” (Souza, 1994, p. 35). Ao final, os alunos apresentavam trabalho das práticas vivenciadas, como mostram as comemorações do “Dia do Milho”, registro emblemático dessas atividades:

A Diretoria do Clube levou alguns alunos ao campo; colheram o milho ali, por eles plantado; em seguida prepararam um lanche que foi servido aos professores e alunos da escola. O lanche teve o seu cardápio todo de produto do milho: milho em espiga – assado e cozido, canjica, pamonha, cuscuz, pé de moleque, bolo de chapéu. Todos se serviram e apreciaram bastante [...] (Oliveira, 1984, p. 30).

Via de regra, as experiências vivenciadas pelos alunos eram registradas na folha, conforme registro de Dona Amália Xavier, ao descrever que: “alunos do 1º Complementar vão ao campo de Silvicultura da cidade do Crato, onde receberam aula sobre o problema de reflorestamento” (Oliveira, 1984, p. 32). Mais adiante acrescenta: “O Relatório será publicado no *O Lavrador*”, veículo de divulgação de palestras, relatórios de excursões dos alunos, de registros de visitantes no “Livro de Impressões” da escola; de atas

de movimentos da Escola, bem como de ação extensionista em outros estabelecimentos de ensino.

A socialização dos acontecimentos da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte configura contribuição importante do *O Lavrador*, reconhecido meio de valorização e divulgação das práticas pedagógicas de formação de professores ruralistas da instituição. A folha, além de descrever as práticas de formação no cotidiano escolar, é a materialização da política governamental e educacional; em cada publicação, o exercício cotidiano faz concreto o ideal da ruralização do ensino.

Sua adesão à proposta de formação de professores ruralistas, no Ceará, evidencia a importância dos meios de comunicação de massa na implantação, divulgação e consolidação de políticas educacionais e governamentais, nas décadas de 1930 e 1940. *O Lavrador* é rica fonte de informações, não somente sobre o cotidiano de uma escola de formação de professores, mas também da sociedade que vivenciava momento particular da política brasileira, com os conflitos e jogos de poder.

## Referências

BERNESTEIN, B. 1996. *A estruturação do discurso pedagógico: classe, código e controle*. Petrópolis, Vozes, 308 p.

CALAZANS, M.J.C. 1993. Para compreender a educação do Estado no meio rural: traços de uma trajetória. In: J. THERRIEN e M.N. DAMASCENO (orgs.), *Educação e escola no campo*. Campinas, Papirus, p. 54-78.

FARIAS, I.M.S.; NUNES, A.I.B.L.; MAGALHÃES JÚNIOR, A.G.; ALBUQUERQUE, M.G.M.T. e BEZERRA; J.E.B. 2007. *Relatório técnico da pesquisa integrada Profissão Professor: políticas e memórias*. Fortaleza, UECE, 193 p.

FERREIRA, A.L.A. e DANTAS, G.A.F. 2001. Os indesejáveis na cidade: as apresentações do retirante da seca (Natal, 1890-1930). *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, **94/96**:1-17

GUIMARÃES, G.T.D. 2002. O não-cotidiano do cotidiano. In: I. FERNANDES e G.T.D. GUIMARÃES (org.), *Aspectos da teoria do cotidiano: Agnes Heller em perspectiva*. Porto Alegre, EDIPUCRS, p. 11-23.

LOURENÇO FILHO, M. B. 1961. *Introdução ao estudo da Escola Nova*. 7ª ed., São Paulo, Edições Melhoramentos, 392 p.

LOURENÇO FILHO, M. B. 2001. *A formação de professores: da Escola Normal à Escola de Educação*. Brasília-DF, INEP/MEC, 125 p.

LUZURIAGA, L. 1980. *História da educação e da pedagogia*. 12ª ed., São Paulo, Editora Nacional, 292 p.

NEVES, F. de C. 2004. A seca na história do Ceará. In: A. GONÇALVES e S. SOUZA (org.), *Uma nova história do Ceará*. 3ª ed., Fortaleza, Edições Demócrito Rocha, p.76-103.

NÓVOA, A. 1992. *Os professores e a sua formação*. Lisboa, Dom Quixote, 158 p.

OLIVEIRA, A.X. de. 1984. *História da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte*. Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 438 p.

PERES, E. 2005. Discursos pedagógicos e práticas escolares: a trajetória de uma pesquisa histórica sobre a escola pública primária gaúcha. In: M.E. BLANK e R.L.T.C. MIGUEL (orgs.), *A educação escolar em perspectiva histórica*. Campinas, Autores Associados, p. 103-139.

RIBEIRO, M.L.S. 1991. *História da educação brasileira: a organização curricular*. São Paulo, Editora Moraes, 166 p. (Coleção Educação Universitária).

ROMANELLI, O. de O. 1983. *História da educação no Brasil*. 4ª ed., Petrópolis, Editora Vozes, 272 p.

SOUSA, J.M. de. 1955. *Estudo sobre o Ceará*. MEC/INEP/CILEME, 239 p.

SOUZA, J.B. de. 1994. *Escola Normal Rural de Juazeiro: uma experiência pioneira*. Juazeiro do Norte, IPESC, 85 p. (Série Monografia, nº 3).

SUD MENNUCCI. 1944. Discurso pronunciado na cerimônia de colação de grau das primeiras professoras ruralistas do Brasil, Turma de 1937, na Escola Normal Rural de Juazeiro, do Ceará, pelo prof. Sud Mennucci. *Educação: Boletim do Departamento de Educação*, **31**(42/43):3-11.

THERRIEN, J. e DAMASCENO, M.N. (coords.). 1993. *Educação e Escola no Campo*. Campinas, Papirus, 252 p.

VEYNE, P.M. 1998. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. 4ª ed., Brasília, Editora Universidade de Brasília, 286 p.

## Fontes primárias

DECRETO N. 1.218, em 10 de janeiro de 1934.

DECRETO N. 1.269, em 17 de maio de 1934.

O LAVRADOR. 1934. *Justificando nosso título*. Órgão do Clube Agrícola da Escola Normal Rural, Juazeiro do Norte, ano I, nº 01, 14 jun., p. 01.

O LAVRADOR. 1938. *A Escola Normal Rural e sua diretora*. Órgão do Clube Agrícola da Escola Normal Rural, Juazeiro do Norte, ano III, nº 29, mar., p. 01.

O LAVRADOR. 1941. *Papel do mestre na manutenção da disciplina*. Órgão do Clube Agrícola da Escola Normal Rural, Juazeiro do Norte, ano VII, nº. 50, jan./ fev.

O LAVRADOR. 1941. *A Escola Normal Rural dignifica o nome de Juazeiro*. Órgão do Clube Agrícola da Escola Normal Rural, Juazeiro do Norte, ano VIII, nº 57, nov./ dez.

O LAVRADOR. 1942. *A escola e o Mestre*. Órgão do Clube Agrícola da Escola Normal Rural, Juazeiro do Norte, ano IX, nº. 59, mar.

O LAVRADOR. 1943. *Cooperativismo escolar*. Órgão do Clube Agrícola da Escola Normal Rural, Juazeiro do Norte, ano VIII, nº. 70, ago.

O LAVRADOR. 1943. *O Lavrador*. Órgão do Clube Agrícola da Escola Normal Rural, Juazeiro do Norte, ano X, nº. 67, abril.

O LAVRADOR. 1943. *O Ensino Rural e o seu raio de ação*. Órgão do Clube Agrícola da Escola Normal Rural, Juazeiro do Norte, ano VIII, nº. 72, out./ nov., p. 1 e 6.

Submetido em: 11/08/2007

Aceito em: 11/10/2007

Isabel Maria Sabino de Farias  
Universidade Estadual do Ceará  
Rua Monsenhor Antero, 635/casa 06  
Condomínio Sarah Residence,  
Cidade dos Funcionários  
60822-350 Fortaleza CE, Brasil

Antonio Germano Magalhães Junior  
Universidade Estadual do Ceará  
Av. Sapicuíá, 366/casa 30  
60832-160 Fortaleza CE, Brasil